



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

30 DE DEZEMBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF
DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA
POR OCASIÃO DO FINAL DO ANO

Como nos anos anteriores, cumpri, rigorosamente, os compromissos políticos assumidos perante a Nação. As eleições, de que se duvidava, vieram na data marcada, em clima de segurança e liberdade. Em pleito amplo, que abrangeu quase todos os cargos eletivos, o povo votou nos candidatos de sua preferência.

O País assistiu a grande espetáculo de maturidade cívica e democratização da política. A democracia — como é comum afirmar-se — pode não ser regime perfeito em si mesmo. É o único sistema, porém, que oferece oportunidade para que, pelo livre jogo da opinião, se corrijam erros cometidos ou se retifiquem rumos, que se hajam traçado. A democracia quer, mediante o diálogo e a argumentação, assegurar o império da racionalidade nas decisões políticas e administrativas.

A geografia política do País apresentará, em 1983, nova fisionomia. Lugares eminentes se deslocarão para a esfera de outras correntes partidárias. A gestão da coisa

pública se mostrará mais dividida. Novos personagens políticos terão de participar da responsabilidade governamental.

Os centros de poder colocados, no plano federativo, em outras mãos, terão respeitada a autonomia que lhes toca, nos termos da sua posição constitucional. Sustentarei a Federação de modo que prevaleça a harmonia institucional entre os Estados-Membros e a União. Exigirei a observância pontual das demais cláusulas do nosso pacto político. Continuarei, sem desvios, a promover o bem-estar coletivo. Levarei a ação do Governo Federal aonde quer que o reclame a proteção do interesse público.

O ano que termina foi um ano intensamente político; porém não só político. O inventário dos fatos que o assinalaram cobre outras grandes áreas de atividade. Fiel à sua vocação humanista, o Governo Federal estendeu a sua atividade tutelar a todos os campos em que sua presença foi requerida pelo interesse social.

Não terei feito tudo quanto desejava. Fiz, porém, tudo quanto, dentro das circunstâncias, era possível fazer.

A pobreza, mesmo a pobreza absoluta, não é mal somente dos nossos dias. Constitui, pelo contrário, fenômeno social que tem perseguido a Humanidade ao longo de todos os tempos. De nossos dias é, não só a consciência desse flagelo, como o firme empenho de extirpá-lo. A luta que, nesse sentido, desenvolvo no quadro da sociedade brasileira será incrementada no período que me resta de mandato.

Não cabe agora descrever a obra imensa já realizada com esse objetivo, nem a que se acha em execução. Encareço, porém, a título exemplificativo, a imensa im-

portância de programas como o traduzido no FINSOCIAL. Iniciativas dessa natureza imprimirão à ação do Governo a amplitude e o ritmo que demanda, de modo premente, o bem público.

A agravação da crise econômico-financeira perturbou, em áreas vitais, o trabalho governamental. Não se trata de crise doméstica, circunscrita às nossas fronteiras. Cuida-se, ao invés, de crise internacional. Crise cujos característicos tive oportunidade de definir perante a Assembléia das Nações Unidas. Crise que, pela sua complexidade, pela sua amplitude, não pode ser superada segundo padrões convencionais. Crise, pois, que, para ser debelada, com a restauração da normalidade no panorama universal, impõe a adoção, nas relações internacionais, de novas categorias.

Obrigado a procurar no Exterior recursos financeiros para a arrancada do desenvolvimento, o Brasil se tornou, pelos débitos que contraiu, vulnerável aos traumatismos da economia mundial, que impuseram às nossas reservas cambiais inevitável sangria. Esses empréstimos financiaram, todavia, os investimentos que fecundaram as iniciativas públicas e privadas e contribuíram para colocar o Brasil entre as oito maiores economias do Mundo. Cabe lembrar, também, que dispomos de recursos humanos e de riquezas naturais, que nos oferecem condições privilegiadas para enfrentar as asperezas da situação.

O Mundo conheceu, ainda neste século, outras situações econômicas, por igual tormentosas, que soube dominar mediante fórmulas encontradas sob a pressão dos próprios riscos que a conjuntura apresentava.

Nada pior, nesses instantes de luta contra a adversidade, do que a quebra de confiança no futuro ou a expansão do ceticismo na capacidade, pública e privada,

para restabelecer a prosperidade. Nada mais oportuno, por isso mesmo, do que uma profissão de otimismo, por parte dos brasileiros, no futuro do País, nas condições que este possui para continuar a crescer. Uma profissão de fé em que não há lugar para a visão sombria ou catastrófica de que a civilização ocidental está à beira do colapso. Uma profissão de fé, portanto, de que nos achamos perante simples acidente da Historia, que não perturbará a marcha no sentido do progresso e da paz social.

O ideal de progresso, que cumpre alimentar, não briga com a postura realista, que é preciso manter. Seria ingenuidade querer obscurecer a consciência das horas difíceis que atravessamos.

Estamos em fase de transição, em período de crise mundial. Falar em período de crise é falar em período de meditação. O pensar, que nesta se envolve, não há de ser, porém, na ordem política, um pensar apenas individual, mas um pensar em comum, um pensar com o outro, já definido como a forma de pensar própria da democracia. O pensamento democrático, para ser autêntico, tem que ser, contudo, também, um pensamento racional, vigilante, que não se deixe embair pela trama da demagogia e dos interesses subalternos.

No jogo democrático bem praticado está o processo para que se transponha a fase de transição ou de crise em que nos encontramos. A dura tarefa que arrostamos é tarefa comum, encargo solitário, que obriga a uma política de sacrifício, capaz de mobilizar as energias da Nação para superar com maior rapidez a crise que nos é imposta de fora.

Estamos no limiar de época cujos traços dependem, não somente dos responsáveis políticos, mas, conjunta-

mente, de governantes e governados. Irmanados no mesmo esforço, conjugadas as energias e virtudes de nossa gente, romperemos as barreiras que cerceiam o porvir.

Animado dessa certeza, que me infunde inabalável confiança no futuro, manifesto, nesta hora, aos brasileiros, do fundo do coração, os melhores votos de felicidade no ano cuja aurora não tarda a despontar.